

# TRAÇOS DE VIDA

**“Viver no mundo  
como Eucaristia.**

*Na fé,  
a nossa pequenez  
a serviço  
do querido próximo”*



## Como **brisa suave**

- Verão para jovens
- Grupo de verão “Bella Fra!”
- Jovens em peregrinação a Lourdes
- O dom
- Água e Açúcar
- Todos somos chamados a agir para o bem da Congregação
- Grande festa em Limete
- Juntos expressamos nossa gratidão
- 75 Anos de Presença na África
- “Aquele eu vos chamou é fiel” (1Ts 5, 24)
- Missão e Vocação

**Leigos do Pequeno Projeto**

**Recordando...**

**“Viver no mundo  
como Eucaristia.**

*Na fé,  
a nossa pequenez  
a serviço  
do querido próximo”*



**“...Ide a José:**

como filhas do guardião da Sagrada Família  
é um imperativo constante ir a São José  
para aprender a docilidade à palavra,  
a cordial caridade, a profunda humildade,  
imitando-lhe a fé forte e o abandono  
confiante a vontade de Deus.

Vos exorto então a gastar-se com generosidade pelos  
outros e, como ele, a saber sonhar o futuro acolhendo  
os projetos da Providência...

*Da Mensagem do Papa Francisco,  
Ata do IV Capítulo Geral  
pag 5.*

# VERÃO PARA JOVENS

## ***Escutar os jovens e acompanhá-los na sua busca de sentido***

***Ata do IV Capítulo Geral - Prioridades - 3º foco***

É uma proposta de duas ou mais semanas vividas no mês de junho e destinada às paróquias da diocese de Bolonha Itália, na qual se procura proporcionar uma experiência formativa humana e de fé para crianças de sete a doze anos.

Os dias são marcados por um momento de formação seguido de jogos em equipe e individuais, atividades manuais, passeios, teatro e muito mais. As crianças são sempre acompanhadas por jovens animadores que testemunham, com seu serviço e compromisso alegre, a beleza de estarmos juntos.

É também uma forma de transmitir o Evangelho às crianças e adolescentes, de fazê-los encontrar a pessoa de Jesus por meio do louvor, da gratidão, do serviço, da caridade fraterna e do perdão. Este ano, o tema proposto foi centrado na figura de São Francisco de Assis nos 800 anos de sua morte.

O " VERÃO JOVENS", também é uma oportunidade para fazer novas amizades e experimentar a força e a beleza da vida comunitária, integrando assim o percurso educativo da catequese e estimulando-os, por sua vez, a se tornarem animadores no futuro. Experiência que ocorreu nas instalações da nossa paróquia com horário flexível para atender às necessidades das famílias.

Foi emocionante o encontro no seminário de mais de 2.000 jovens da diocese com o nosso cardeal Matteo Zuppi.

Grande entusiasmo para os nossos jovens que ficaram em primeiro lugar ao final das diversas atividades propostas pelo centro juvenil diocesano neste dia inesquecível. As atividades terminaram com o espetáculo final sobre São Francisco, preparado pelos jovens do ensino médio, e com um delicioso jantar preparado por nossos colaboradores paroquiais.

*Irmã Georgine Kangu*





# GRUPO DE VERÃO

## "BELLA FRA!"

Todos os anos, nossa paróquia, se dedica a proporcionar momentos de relaxamento e aprendizado para nossos jovens e crianças durante os meses de verão. A primeira parada é o acampamento de verão, que este ano tem o encantador título "BELLA FRA!" (BELO FRA!), uma lembrança de que 2026 marca o oitavo centenário da morte de São Francisco de Assis. Assim, Francisco não é apenas um símbolo da história, mas sim alguém que vivência as mesmas tensões que permeiam todas as gerações: o desejo de sucesso, a sede de liberdade, a necessidade de reconhecimento. Através de sua vida, as crianças descobrem que seguir Jesus não é uma obrigação, mas uma oportunidade emocionante. O dia começa, portanto, com o aprendizado sobre a vida deste santo e os fundamentos de sua personalidade. Entre orações, uma peça teatral e uma divertida brincadeira de abertura, há um momento para o lanche e, em seguida, voltamos às brincadeiras em equipe. Este ano, o sol favoreceu todas as atividades, mas o calor excessivo certamente causou algum desconforto, e as brincadeiras na água ajudaram a manter os adultos e, principalmente, os pequenos saudáveis. Uma série de artistas e adultos auxiliaram durante todo o dia, desde o almoço até o retorno daqueles que haviam ido para casa. A tarde temos um momento de reflexão em grupo, seguido por oficinas de culinária, artesanato com miçangas, futebol, dança, canto, teatro e desenho. O lanche também marcou a segunda metade da tarde, com uma corrida até a barraquinha de sobremesa gelada para pegar o sorvete gelado, em seguida se faz a contagem dos pontos, para determinar qual equipe venceu e, às 17h, os resultados foram entregues aos pais, exaustos, mas felizes por terem passado mais um dia juntos. Certamente foi uma jornada desafiadora para nós, mas ficamos felizes por termos dado às novas gerações tempo para crescer.

*Irmã Carla Carena*



# JOVENS EM PEREGRINAÇÃO A LOURDES

De 9 a 15 de julho, um grupo de jovens da comunidade das Irmãs de São José em Corridonia, acompanhados pela Irmã Elena e pelo nosso pároco, Padre Fabio, teve a graça de vivenciar a peregrinação a Lourdes a bordo do "Trem Branco" da Unitalsi. Foram dias intensos, durante os quais experimentamos o "Céu na Terra" em primeira mão. Encontramos pessoas dominadas pela dor que, justamente desse sofrimento, irradiavam luz e alegria. Em seus rostos e corpos marcados pelo sofrimento, vislumbramos Cristo na Cruz, mas já na perspectiva da Ressurreição: uma dor que não permanece confinada à tristeza, mas se abre para a alegria da Vida Eterna, já vivenciada aqui entre nós. Compreendemos que a única maneira de glorificar a Deus é amar o próximo, reconhecendo-nos como meros "servos inúteis". É precisamente no amor e no serviço que reside o profundo significado da nossa existência e o propósito para o qual cada uma de nós aspira. Abaixo, seguem os relatos em primeira mão de duas jovens:

## **Greta:**

Dizer aquele primeiro "SIM" para ir a Lourdes valeu muito a pena: permitiu-me viver uma experiência que encheu meu coração.

Dizem que se vai a Lourdes para doar, mas eu voltei com o coração cheio.

Descobri a beleza do serviço: Levo para casa a força e os sorrisos daqueles que lutam todos os dias. Nesses olhares, compreendi que a fé não são apenas palavras, mas gestos concretos, e vi a verdadeira face de Deus.

Eles me ensinaram o significado da esperança pura, aquela que nunca desiste de nada.

Naqueles dias, entendi que cuidar de alguém é a maneira mais bonita de ser feliz e dar felicidade.

Mas a maior surpresa foi o nosso grupo: partimos como companheiros do grupo de jovens e voltamos como irmãos; compartilhamos o serviço, o trabalho árduo e a oração.

Aquele "SIM" foi um pouco assustador no início, mas hoje posso dizer que foi a escolha mais corajosa e bonita do ano.

## **Eleonora:**

A peregrinação a Lourdes surgiu como um chamado; um convite irrecusável.

Em Lourdes, conheci tantas pessoas e tantas histórias de vida marcadas por sofrimento, doença e dificuldades; o que percebi, porém, foi que, naquele lugar divino, cada um de nós é igual ao outro, sem distinção: somos todos criaturas de Deus ali.

Naquela gruta mística e silenciosa, Nossa Senhora nos acolhe e, conosco, acolhe todas as nossas intenções, nossas orações e nossas dificuldades, fazendo-nos sentir embalados num abraço materno de Amor e Graça.

Como um grupo de jovens peregrinos e voluntários, nos dedicamos ao serviço e à ajuda aos mais necessitados; experimentamos a forma mais autêntica de felicidade, sempre nos sentindo no lugar certo, na hora certa, realizados no corpo e no espírito. Lourdes me permitiu tentar responder a uma pergunta fundamental: Por que estamos aqui? Por que o Senhor nos deu a vida? Ao habitar e vivenciar esses lugares com coração e espírito, podemos perceber que estamos aqui precisamente para nos doar aos outros; não há, em minha opinião, forma mais elevada do que o Amor entendido como uma dádiva ao outro. Nossos sorrisos, nossos carinhos e nossas palavras foram uma fonte de Graça Divina para todos os enfermos. Por outro lado, cada um de nós retornou dessa jornada com o coração pleno, o espírito em paz e a força para proclamar ao mundo que, naquele lugar, Deus e Nossa Senhora nos sentem e estão perto de nós.



*Os meninos do grupo*



*Jesus chama seus discípulos para junto de si (Marcos 2:17-18).*

Estas palavras do evangelista Marcos dirigem-se também a nós, as "Irmãs de São José da Federação Italiana", que participamos dos exercícios espirituais sob a orientação do Padre Massimo Sozzi. Ele nos convidou imediatamente a viver a semana em silêncio, escuta e diálogo com Jesus. Começou com a conhecida parábola do semeador (Mateus 13:1-17), cujos protagonistas são primeiro o semeador, depois a semente e, finalmente, a terra. Este semeador "desperdiçador" não diz: "Da próxima vez, terei mais cuidado para não desperdiçar a semente". Não! Ele continua agindo como da primeira vez, semeando em todos os tipos de terra, não apenas em terra boa. Há duas possibilidades: ou o semeador não é um bom semeador, ou somente Ele possui essa semente, da qual toda terra necessita desesperadamente. Esta é a verdadeira razão pela qual ele semeia a semente por toda parte: a salvação de todo tipo de solo vem do encontro com "esta" semente. Assim como não existe solo que não seja adequado para esta semente, também não existe pessoa, crente ou não, que não seja adequada para esta semente. Até mesmo meus erros – conclui o orador – anseiam por esta semente. Ela me dá alívio e me liberta da necessidade de ser um bom solo. O que faz a diferença é que a salvação é dada a todos, é oferecida a todos! Somente com esta semente o coração se transforma. Ainda hoje, o semeador, com sua SEMENTE DOM, me salva. "Posso ter meu mau humor, mas também terei meu DOMJesus. E quando recebo Jesus, tenho tudo." Dom Máximo então nos ofereceu uma segunda parábola que nos adverte contra negligenciar o dom que recebemos: a parábola dos talentos (Mt 25,14-30), também bem conhecida. O senhor confia seus bens aos seus servos: enquanto os dois primeiros investem o dom, fazendo-o crescer, o terceiro o esconde, provando-se assim "íngrato" e "fracassado". Com seu dom, o senhor lhe ofereceu algo "a mais" para sua vida, mas ele não o assumiu e foi incapaz de transformá-lo em uma "boa vida". Quando o senhor retorna, pede a cada servo um relato de suas ações. Na verdade, ele pergunta a cada um: "Correu tudo bem? O quanto o dom se tornou 'seu'? ... Alegremo-nos juntos pelo esforço realizado. O quanto você se permitiu envolver na vida que recebeu como dom?" "Você cresceu em humanidade e encontrou a plenitude da vida comigo?" Ao oferecer o presente, o mestre, na verdade, se entregou. O terceiro servo não compreendeu que o presente é a própria vida do Senhor, que não se importa com a quantidade de talentos. Ele está interessado apenas em quanto amor eles inspiraram para que os servos pudessem ser felizes. A riqueza da Palavra de Deus ofereceu a Dom Massimo muitas outras reflexões para nossa jornada como "discípulos" de Jesus. Recordando, por exemplo, as figuras de Marta e Maria, irmãs de Lázaro, ele destacou o risco – que às vezes corremos – de "exagerar", de fazer coisas boas, muito boas, mas sem envolver nossos corações, aliás, "cativá-los". Somos convidados a prestar mais atenção ao que não é dispensável: ouvir a Palavra é o óleo, e a oração nos faz experimentar a alegria de nos sentirmos vivos para sermos uma lâmpada que ilumina. "Para quem eu vivo?" E como devo viver?" são as perguntas que nunca devemos "perder" se quisermos que o Senhor aqueça nossos corações e que nossa vida consagrada seja um testemunho crível. Em conclusão. Os Exercícios Espirituais oferecidos pelo Padre Massimo foram excepcionais. Eles nos trouxeram de volta à essência da vida evangélica, a viver como pessoas que receberam um grande dom para compartilhar com alegria e entusiasmo. A mensagem para aqueles que encontrarmos será: Deus nos ama loucamente: Ele quer que todos sejam salvos e compartilhem com Ele a alegria sem fim.

*Irmã Cecília Tavano*

# ÁGUA E AÇÚCAR

***“Viver a missão na corresponsabilidade,  
em comunhão entre nós, com os leigos e com os  
outros, num espírito de pequenez, sem perder a  
nossa identidade de Irmãs de São José”***

***Ata do IV Capítulo Geral - Passos Concretos - 3º foco***

A vovó Margherita, minha avó materna, tinha um remédio infalível para qualquer enjoozinho quando eu era criança: água e açúcar.

Não importava se era um arranhão, uma dorzinha, uma decepção ou talvez apenas um dia ruim. A vovó Margherita, com a seriedade e a autoridade que só as avós possuem, pronunciava sua sentença: "Você vai ver, com um pouco de água e açúcar, tudo vai passar!"

E eu acreditava nela. Aos meus olhos, aquela água levemente adoçada tinha algo de milagroso. Alguns goles eram suficientes e, quase por mágica, a dor parecia menor, o choro parava e o mundo voltava ao seu devido lugar.

Muitos anos depois, por acaso, conheci outra avó materna, a vovó Solange, do outro lado do mundo. E, por uma estranha e providencial coincidência, ela também aplicou o mesmo remédio: água e açúcar. Mas desta vez não era apenas um machucadinho: suas vidas estavam em jogo.

Aconteceu em Kisanji, na República Democrática do Congo. É a noite de quinta-feira, 16 de julho de 2026, festa de Nossa Senhora do Carmo. Está quase na hora das Vésperas, e estamos nos preparando para ir à capela quando dois idosos chegam à missão. Estão cansados, sujos e com fome. Viajaram cerca de cinquenta quilômetros. Carregam uma grande cesta. Dentro, entre alguns trapos e um cobertor esfarrapado, estão dois recém-nascidos. São gêmeos, um menino e uma menina, nascidos poucos dias antes, numa segunda-feira. Mas a história deles já está marcada por uma dor que parece impossível para duas criaturinhas tão pequenas. Já são órfãos de pai, que morreu enquanto ainda estavam no ventre da mãe. E, poucas horas após o nascimento, também perderam a mãe.

Tudo o que resta são eles, dois pequenos seres que estão apenas começando a viver, e seus avós.

Os avós os trouxeram para a missão porque sabiam que, em um raio de muitos quilômetros, era o único lugar onde poderiam encontrar alguém disposto a ajudá-los. As crianças choram, gritam, estão desesperadas e com fome.

Por alguns dias, os avós fizeram o que puderam. Água e açúcar. O pouco que tinham, que, de alguma forma, permitiu que os dois pequenos chegassem vivos à missão, mas agora não é mais suficiente. Eles precisam de uma ama de leite que possa amamentá-los ou, urgentemente, de fórmula infantil adequada para recém-nascidos com apenas alguns dias de vida. E aqui, na missão de Kisanji, descobrimos que urgência é um conceito relativo.

Calma, eles chamam a enfermeira obstétrica.

Calma, a enfermeira chega e decide que o melhor é pesar os dois bebês: cerca de dois quilos cada, para calcular a quantidade de leite necessária.

Calma, eles tentam entender os porquês e os motivos, questionando os avós.

Calma, eles ligam para os postos de saúde locais, perguntando se alguém tem fórmula infantil para recém-nascidos.

Enquanto isso, as irmãs recebem a tarefa mais importante: cuidar dos dois bebês.

E talvez seja exatamente essa a lição que Kisanji nos ensina todos os dias: quando tudo parece urgente, devemos aprender a não entrar em pânico. Fazemos o que podemos, um passo de cada vez. Com calma, mas sem desistir. E justamente quando parece não haver solução, lembramos dos presentes que recebemos de alguns amigos para a viagem.

Entre as coisas que trouxemos, estão alguns pacotes de fórmula infantil para bebês de zero a seis meses. É uma coisa pequena, mas naquele momento, é um milagre. Uma bênção do Senhor e de Sua Mãe, justamente no dia de Nossa Senhora do Carmo.

Lemos as instruções com atenção e tentamos segui-las à risca. Fervemos a água, preparamos o leite nas proporções certas, mexemos, agitamos e deixamos esfriar.

Algumas mamadeiras também aparecem, devidamente esterilizadas, e finalmente podemos tentar alimentar os dois bebês.

As irmãs, fortalecidas pela experiência no orfanato, pegam os recém-nascidos. Elas os embalam, acariciam e encontram a posição certa. Os bebês continuam a chorar. Então, aos poucos, se acalmam. Algumas gotas de leite são suficientes, e o choro diminui, a respiração fica mais tranquila. E finalmente, eles adormecem.

Nesse momento, quase naturalmente, surge uma pergunta: que nomes daremos a eles? São um menino e uma menina. As irmãs não têm dúvidas. Só lhes resta uma escolha: Michele e Chiara.

Dois nomes que talvez soem estranhos aos ouvidos dos avós, tão distantes de sua tradição e de sua língua, mas os avós concordam. E, pela primeira vez desde que chegaram, sorriem. Talvez porque dar um nome a uma criança signifique reconhecer que ela tem um lugar no mundo.

Michele e Chiara, duas crianças que chegaram à missão em uma cesta, envoltas em trapos, famintas e sem mãe e pai, naquela noite receberam algo mais do que leite: receberam um nome, dois braços que as acolheram.

*Irmã Chiara Angelica Massa Trucat*



Michele a sinistra,  
Chiara a destra

# • TODOS SOMOS CHAMADOS A AGIR PARA O BEM DA CONGREGAÇÃO •

**«...somos chamados a “caminhar juntas” para sermos “geradoras e semeadoras de esperança e de comunhão” nas nossas comunidades, no coração do mundo e da Igreja...»**

**Ata do IV Capítulo Geral - Conclusione**

No dia 12 de junho de 2026, às 20h30, o Conselho Geral se reunirá para revisar as comissões estabelecidas após o Capítulo Geral de 2024, a fim de compreender como cada comissão implementou com sucesso a sua responsabilidade. Após a oração introdutória, Madre Anna Alfreda, enfatizou com veemência como cada comissão é chamada a agir para o bem da Congregação sem perder tempo. Ela agradeceu a cada comissão por seu trabalho no crescimento das Irmãs. Ela também enfatizou a grande responsabilidade de cada comissão em dar o seu máximo para atender às expectativas do mandato de seis anos. As comissões então se apresentaram e especificaram suas solicitações.

## • Comissão de Formação

A comissão busca destacar o Carisma, a corresponsabilidade sinodal e a abertura à realidade atual. Propõe-se o desenvolvimento de um calendário com uma série de encontros paralelos, apresentando diversas perspectivas e pontos de vista, abordando as vidas de São Paulo e do Padre Médaille.

Estes encontros são organizados ao longo de três meses e realizados de forma online, com a participação das três realidades. Entretanto, está sendo desenvolvido um programa gradual para superiores, aberto a todos, duas vezes por ano, com temas extraídos de nossas Constituições.



## • Comissão de Atividades Apostólicas e Missão

A comissão estabeleceu metas, delineando o trabalho já realizado para propor a todo o Instituto, enfatizando as diretrizes a seguir: compreender a realidade de nossas missões, promover uma cultura de paz e uma mudança de mentalidade do fazer para o ser, e do fazer "com".

Este processo se divide em quatro etapas: conhecer, ouvir, discernir e mudar. A primeira etapa deverá ser proposta este ano, envolvendo um questionário a ser enviado a cada comunidade, primeiro em nível pessoal, depois em nível comunitário e internacional, sobre o tema da missão. Tudo deverá começar com um encontro de forma online sobre o tema "Ser missionários em missão em cor-responsabilidade e esperança", que precede o questionário. A comissão deverá se reunir para definir como proceder e, posteriormente, discutir o processo com a Comissão de Formação e a Comissão de Leigos.



#### • **Comissão Leiga do Pequeno Projeto**

A comissão tem a missão de unificar e desenvolver um plano de formação comum, adaptável aos diversos contextos e estágios de integração das novas integrantes. Após um período inicial de familiarização com as três entidades e seus trabalhos até o momento, a comissão elaborou o programa unificado.

Durante a visita da Madre Anna ao Brasil, o programa foi oficialmente entregue ao grupo leigo local, e o mesmo processo está em andamento na África. Em breve, será realizada uma reunião com a Comissão de Formação e Missão para definir os próximos passos.

#### • **Comissão para a Difusão do Carisma nas Redes Sociais**

O trabalho desta comissão baseia-se nas etapas concretas do 4º Foco dos Atos do 4º Capítulo Geral. O material carismático é publicado nas seguintes redes sociais: *canal do YouTube* (com 55.741 visualizações), *canal do WhatsApp* (312 inscritos) e *Site*, atualizado semanalmente nos três idiomas da congregação.



#### • **Comissão da Primavera**

Seu caminho ainda está sendo planejado e definido.

Ao final do encontro, Madre Anna Alfreda, agradeceu-lhes pelo trabalho realizado e os incentivou a serem diligentes na continuidade da caminhada. Nos reuniremos novamente para discutir este assunto.

**“...COMO SÃO JOSÉ,  
somos chamados  
a salvaguardar a riqueza do dom recebido”**

**Ata do IV Capítulo Geral - O Sonho - 1º foco**

## **GRANDE FESTA EM LIMETE: TRÊS JOVENS FREIRAS DIZEM “SIM”**

LIMETE (KINSHASA) – No dia 15 de agosto, a comunidade cristã de Limete, em Kinshasa, vivenciou um momento de profunda graça e grande emoção. Nesse ambiente festivo, três jovens – Fabienne, Agnès Lucie e Clotilde, pronunciaram o seu “Sim” oficial ao Senhor, fazendo sua Primeira Profissão Religiosa. Cercadas pelo carinho de suas companheiras, irmãs e por sua comunidade, em festa; as três jovens ofereceram sua juventude a Deus, comprometendo-se a viver os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência. A liturgia em Limete foi marcada pelos sinais e símbolos da Profissão Religiosa; com esse rito, Irmã Fabienne, Irmã Agnès Lucie e Irmã Clotilde não fizeram simplesmente uma promessa, mas sim integraram suas vidas a um projeto maior. A profissão temporária representa um tempo de amadurecimento, um período em que a teoria do noviciado se transforma em missão diária. Assim como Maria, que louvou as grandes obras do Todo-Poderoso com seu Magnificat, Irmã Fabienne, Irmã Agnès Lucie e Irmã Clotilde também expressaram a alegria de terem respondido a um chamado de amor universal, colocando-se inteiramente a serviço da Igreja e dos outros. Que o Senhor as abençoe, as ampare e as faça sempre testemunhas alegres do seu Amor.

*Da esquerda:  
Irmã Clotilde,  
Irmã Fabienne,  
Irmã Agnès Lucie*



# JUNTOS

## EXPRESSAMOS NOSSA GRATIDÃO

Com grande alegria e gratidão ao Senhor, compartilhamos um momento particularmente significativo celebrado no sábado, 22 de agosto, em Limete-Kinshasa, na Paróquia de Nossa Senhora da África.

Juntos, o Instituto e as Irmãs de São José de Cuneo celebraram solenemente o 75º aniversário da presença das duas Congregações na África: 75 anos de graça, missão, serviço e fidelidade ao Senhor. A celebração eucarística foi presidida por Sua Eminência o Cardeal Fridolin Ambongo Besungu, Arcebispo de Kinshasa.

Um dia de especial alegria pelos Votos Perpétuos da Irmã Isabelle Ngalaso, da Irmã Niclette Esungu e da Irmã Judith Mananga, e pelos Jubileus de Profissão das Irmãs Gisèle Falanka, Séraphine Lukuku e Thérèse Kange, da Irmã Agnes Kasseke, da Irmã Gertrude Kasai e da Irmã Lucie Gisupa (Instituto),

e por Emilienne Moko, pelo seu 25º aniversário de Consagração (Congregação de Cuneo).

Agradeçamos juntos ao Senhor pelo dom da vocação de cada irmã, pela fidelidade demonstrada ao longo do caminho e pelos 75 anos de presença e missão em África. Confiemos ao Senhor as nossas irmãs que pronunciaram o seu "sim" definitivo, aquelas que renovaram com gratidão a memória do seu "sim" através do Jubileu, e todas as nossas missões, para que o Senhor continue a guiá-las e a torná-las fecundas.

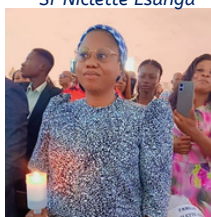
Unidos em oração e juntos nesta celebração da família Josefina, em alegria e gratidão ao Senhor!



Sr Isabelle Ngalaso

Sr Niclette Esungu

Sr Judith Mananga



# 75 ANOS DE PRESENÇA NA ÁFRICA:

## UMA HISTÓRIA DE FÉ, SERVIÇO E GRATIDÃO

9 de setembro de 2026 marca um aniversário particularmente significativo: 75 anos de presença das Irmãs de São José na África. Uma história que começou em 1951, com a abertura da primeira missão em Kisanji, Bandundu, e continuou através de gerações de irmãs que compartilharam a vida do povo, dedicando-se à educação, saúde, fé e crescimento da comunidade.

Setenta e cinco anos é uma longa história, feita de rostos, lugares, dificuldades, alegrias e muitos pequenos gestos diários. Mas, acima de tudo, é uma história feita de pessoas. E um encontro com duas pessoas durante minha visita a Kisanji em julho passado me permitiu mergulhar ainda mais vividamente e comovidamente na memória daqueles primeiros anos. Em Kisanji, conheci o Sr. Jean Bertin Gatambwe Falanga, nascido em 1948, e o Sr. Théodore Mukwakilemba, nascido em 1934. Dois homens de gerações diferentes, mas unidos por uma memória profunda e grata das Irmãs de São José.

Com grande emoção, eles me contaram sobre a chegada de nossas irmãs a Kisanji em 14 de setembro de 1951. Suas palavras não eram simplesmente a narração de um evento distante: pareciam dar vida a uma página da história da missão.

Ouvir essas histórias ao vivo, depois de tantos anos, foi um encontro comovente e profundamente significativo para mim. Através de suas memórias, percebi como a presença das irmãs entrou na história concreta de indivíduos e famílias, deixando uma marca que o tempo não apagou. A memória de Kisanji também está intimamente ligada à construção da igreja paroquial, que começou em 1950-1951. É lindo pensar que a paróquia dedicada a Santo Luís Gonzaga foi construída graças à participação de toda a comunidade. Cada aluno da escola, cada pessoa de boa vontade, ia ao rio todos os dias para recolher e carregar uma ou mais pedras necessárias para a construção. Pedra após pedra, viagem após viagem, dia após dia, a casa da comunidade cristã foi tomando forma. Essa imagem me parece particularmente significativa, também para entender a missão de nossas irmãs: construir junto com o povo, compartilhando seu trabalho e esperança, cada um dando o que pode para servir ao bem comum.

Quando as primeiras irmãs chegaram a Kisanji, encontraram uma realidade muito simples: a casa e o dispensário eram construídos de palha. Aos poucos, com o trabalho e a colaboração da comunidade, a casa e a capela das irmãs foram construídas de tijolos, seguindo o mesmo estilo arquitetônico da paróquia. Não se tratava apenas de construir edifícios. Aquelas paredes falavam, e continuam a falar, de uma presença: uma presença que queria ser estável, próxima e fraterna.

O Sr. Jean Bertin guarda muitas lembranças de nossas irmãs. Uma em particular me chamou a atenção. Jean Bertin foi contratado como professor de matemática pela Irmã Francesca Dadone. Seu depoimento relata não apenas sua relação profissional com nossa irmã, mas também a familiaridade e o afeto que floresceram no dia a dia da missão. Quando Jean Bertin se casou em 4 de novembro de 1972, a Irmã Francesca lhe deu um presente: uma cafeteira. Depois de tantas décadas, essa cafeteira ainda é guardada com carinho por Jean Bertin. Um objeto simples, aparentemente insignificante, tornou-se, em vez disso, uma pequena relíquia da memória: um sinal tangível de um vínculo, um relacionamento, uma presença que deixou sua marca.

O Sr. Théodore, professor do ensino fundamental, também compartilhou lembranças preciosas. Falando da Irmã Maurilia, ele se lembra dela com uma frase que me fez sorrir e que diz muito sobre sua personalidade: *"Ela falava como um homem"*. Por trás dessa expressão, percebe-se uma mulher forte e determinada, capaz de enfrentar corajosamente situações difíceis e inspirar respeito. Mas a lembrança mais tocante diz respeito a um momento dramático.

Quando Théodore foi forçado a fugir por causa da rebelião, entre os poucos objetos que levou consigo estava algo que ele claramente considerava precioso: sua certidão de batismo. Esse gesto, relatado tantos anos depois, é um testemunho extraordinário para mim. Em uma situação de fuga e perigo, ele decidiu levar consigo o sinal de sua pertença à comunidade cristã, de sua história de fé.

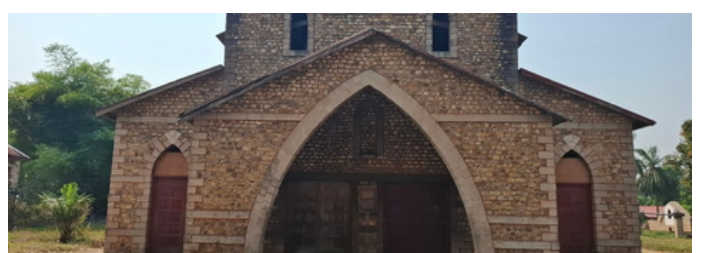
Ouvir Jean Bertin e Théodore foi muito mais do que aprender alguns episódios da história de Kisanji. Foi encontrar a memória viva da missão. Seus testemunhos me fizeram entender, mais uma vez, que a missão não se mede apenas pelas obras realizadas, pelas escolas construídas, pelos dispensários, pelas igrejas ou pelas casas. Tudo isso é importante, mas o que permanece mais profundamente é o que acontece no coração das pessoas.

Uma cafeteira preservada por décadas, a memória de uma freira que "falava como um homem", uma certidão de batismo carregada durante uma fuga, as pedras recolhidas diariamente do rio para construir uma igreja... pequenos fragmentos de uma grande história.

Ao celebrarmos 75 anos de presença das Irmãs de São José na África, podemos olhar para o passado com gratidão, mas também para o futuro com esperança. A história que começou em Kisanji em 14 de setembro de 1951 continua através das pessoas que se lembram, através das comunidades que vivem sua fé e através das novas gerações que abraçam esse precioso legado.

Em Kisanji, tive a dádiva de ouvir duas testemunhas. E, por meio de suas palavras, pareceu-me ouvir as vozes de tantas outras pessoas que, ao longo desses 75 anos, conheceram, amaram e estimaram nossas irmãs. Uma história de fé. Uma história de serviço. Uma história de amor. Uma história que, graças à memória e à gratidão, continua.

*Irmã Chiara Angelica Massa Trucat*



# LÉOPOLDVILLE, 9 DE SETEMBRO DE 1951

## – 8H30 – EXCELENTEMENTE – SUAS FILHAS

Este é o texto do telegrama que a Superiora Geral, Madre Beniamina Riconda, Provavelmente recebeu no final da noite de 9 de setembro de 1951 ou nas primeiras horas de 10 de setembro de 1951. Mas... vamos retroceder um pouco na história para entender o que está por trás deste telegrama e quem o enviou. Verão de 1950: O Padre Giuseppe Greggio, S.J., missionário no Congo Belga, retorna à Itália para um breve período de descanso com um desejo específico: não partir sem encontrar algumas freiras dispostas a colaborar em seu trabalho de educar meninas, cuidar dos doentes, e formar mulheres através da proclamação do Evangelho. Ele carrega em seu coração o clamor do povo africano: Tinda Beto, venha e nos ajude. Ele falava frequentemente sobre isso com seus irmãos, compartilhando com eles a urgência daquele pedido. Este é o texto do telegrama que a Superiora Geral, Madre Beniamina Riconda, presumivelmente recebeu no final da noite de 9 de setembro de 1951 ou nas primeiras horas de 10 de setembro de 1951. Mas... vamos retroceder um pouco na história para entender o que está por trás deste telegrama e quem o enviou. Verão de 1950: o Padre Giuseppe Greggio S.J., missionário no Congo Belga, retorna à Itália para um breve período de descanso com um desejo específico: não partir sem encontrar freiras dispostas a colaborar em seu trabalho de educar meninas, cuidar dos doentes e formar mulheres através da proclamação do Evangelho. Ele carrega em seu coração o clamor do povo africano: Tinda Beto, venha e nos ajude. 3 de agosto de 1950: O Padre Pasta, irmão do Padre Greggio, caminhando pelas ruas de Turim, pensou: "As primeiras Irmãs que encontrarei serão aquelas que seguirão o Padre Greggio para o Congo Belga." Pouco depois, ao virar na Via Arcivescovado, encontrou duas freiras que não conhecia: Irmã Marina Ferrero, Tesoureira Geral, e Irmã Patrizia Massaia, Secretária Geral. Ele as parou e, inesperadamente, disse-lhes: "Deus está chamando vocês para uma missão na África: no Congo Belga, também se espera ajuda de vocês, Irmãs de São José." As duas Irmãs ficaram surpresas e preocupadas, mas convidaram o Padre Pasta a contactar a Madre Geral, Madre Beniamina Riconda. A proposta gerou discussões, dúvidas e temores na Congregação, mas, acima de tudo, intensa oração. Madre Beniamina, uma mulher de profunda vida espiritual e grande abertura, reconheceu naquele pedido um possível plano de Deus. Após se encontrar com o Padre Greggio e as Madres Conselheiras, a decisão oficial foi tomada em 12 de setembro de 1950: o trabalho das Missões Estrangeiras começaria no Congo Belga. As Irmãs mais tarde recordariam esse momento não como um acaso, mas como um trabalho guiado pela Providência. Testemunhos surpreendentes circularam imediatamente entre as futuras missionárias. Uma freira relatou que, enquanto rezava diante da estátua da Virgem Maria, ouviu de repente uma voz lhe dizer: "Eles a enviarão para ensinar catecismo em um país muito distante". Ela instintivamente respondeu: "Estou pronta", mas depois descartou o episódio como uma fantasia. Quando soube da decisão de abrir uma missão no Congo, reconheceu naquelas palavras um possível prenúncio de sua vocação missionária. Ela então submeteu sua candidatura à Madre Beniamina, chegando a orar: "Se não for da sua vontade, que minha carta se perca!" Outras Irmãs também se candidataram espontaneamente. O entusiasmo espalhou-se por toda a Congregação, embora acompanhado de medos e incertezas. Era, de fato, um apostolado completamente novo: partir para uma terra estrangeira, sem saber quanto duraria sua estadia e enfrentando riscos e dificuldades. Alguns chamavam isso de "um salto no escuro, no vazio". A resposta das futuras missionárias foi, ao contrário: "Um salto nos braços da Providência". As seis primeiras missionárias foram escolhidas: Irmã Mercedes Pennati, Irmã Maurilia Piovano, Irmã Ubalda Luchetti, Irmã Sandra Carbonero, Irmã Maddalena Clementi e Irmã Maria Enrica Tasso. A espera pela partida, no entanto, foi repleta de dúvidas: algumas se perguntavam se estavam preparadas o suficiente, outras temiam ter feito uma escolha imprudente. Problemas de saúde também pareciam ter colocado algumas delas em dúvida sobre a partida, mas dificuldades que pareciam insuperáveis foram resolvidas quase repentinamente. Em 18 de janeiro de 1951, na Casa Mãe, as missionárias receberam o mandato da Igreja e o Crucifixo das mãos do Cardeal Maurilio Fossati. O Bispo as advertiu de que elas encontrariam novas dificuldades e que o Congo, ainda colônia e não independente, poderia enfrentar tempos muito difíceis. Mas concluiu com uma certeza: "Deus estará com vocês". A partida, inicialmente marcada para 20 de janeiro de 1951, foi adiada devido a uma epidemia de gripe na França e na Bélgica.

Finalmente, em 30 de janeiro de 1951, a Irmã Mercedes Pennati e a Irmã Maurilia Piovano partiram para a Bélgica, onde as missionárias receberiam o treinamento necessário. Na Bélgica, elas concluíram seus estudos e treinamento, aprendendo o idioma e se preparando para as condições de vida africanas. O grupo também passou por momentos difíceis. Em 14 de agosto de 1951, em Antuérpia, elas viram seis irmãs missionárias de Cuneo, um grupo de freiras belgas e padres missionários jesuítas partirem, enquanto elas próprias ainda não tinham permissão para embarcar. Parecia uma derrota. Mas naquela mesma noite, chegou a notícia de que todos os obstáculos haviam sido superados: elas também partiriam. A partida foi marcada para 8 de setembro de 1951, não por mar, mas por avião. Em 1º de setembro de 1951, os baús foram embarcados: 17 caixas contendo tudo o que a Congregação havia providenciado, incluindo o capacete colonial, óculos de sol e lâmpadas de querosene. As missionárias também tiveram a oportunidade de conhecer a Superiora Geral das Irmãs da Anunciação de Héverlé, que acabara de retornar do Congo Belga. Foi ela quem lhes falou sobre uma missão chamada Kisanji. Suas Irmãs estavam prestes a ser retiradas daquele local por falta de pessoal para manter e desenvolver adequadamente as obras. Para as cinco missionárias, foi uma revelação: Kisanji poderia ser sua futura missão. Elas ainda não tinham certeza; só sabiam seu destino final quando chegassem ao Congo. Contudo, Kisanji ficou imediatamente gravada em seus corações. Em 6 de setembro de 1951, Madre Beniamina Riconda conseguiu se juntar a elas em Bruxelas, juntamente com Madre Ernesta Proi, para estar presente em sua partida. Como era considerada uma partida praticamente sem retorno na época, aquelas últimas horas com a Madre Geral foram vividas como um presente precioso. Madre Beniamina também lhes deixou um mandato profético: uma vez organizadas, se alguma jovem africana desejasse se consagrar a Deus, elas deveriam acolhê-la e iniciar um noviciado. Não se tratava apenas de uma missão, portanto, mas da ideia de estabelecer uma nova família religiosa em solo africano. A véspera da partida foi dedicada à oração e aos preparativos. Durante a noite, houve até um terremoto. Os missionários ficaram surpresos, mas repetiram seu lema: "O Senhor está aqui", determinado a torná-lo sua resposta mesmo diante do perigo. Em 8 de setembro de 1951, festa da Natividade de Maria, celebraram sua última missa na Europa. Em seguida, fizeram uma escala no aeroporto de Melsbroek. Às 11h, embarcaram no avião da Sabena. Quando as escadas se abriram e a porta do avião se fechou, sentiram concretamente que todo elo com a Europa estava agora rompido. Às 11h20, o avião ganhou altitude considerável, rumo ao sul. Em seu diário de viagem, registraram uma frase particularmente significativa: "Obrigado, Jesus, e obrigado, nossa querida Mãe, pelo belo presente de Kisanji". Naquela época, Kisanji ainda era um lugar desconhecido e apenas um destino possível. No entanto, os missionários já a chamavam de "o belo presente de Kisanji"! O que parecia um nome encontrado quase por acaso indicaria, na verdade, a localização de sua futura missão. O voo foi longo e profundamente espiritual para eles. Voaram sobre o Mediterrâneo, fizeram uma escala em Trípoli e, em seguida, cruzaram o Saara durante a noite. Os missionários, contemplando o céu estrelado pelas janelas do avião, transformaram essa maravilha em oração, pensando em seus irmãos e irmãs africanos que ainda não conheciam o Evangelho. À 1h30 da manhã de 9 de setembro de 1951, pousaram em Kano, na Nigéria, onde se depararam pela primeira vez com um ambiente verdadeiramente africano: vendedores ambulantes, pessoas com trajes tradicionais, objetos e artefatos oferecidos aos viajantes. Após o último trecho do voo, cruzaram a linha do Equador e finalmente chegaram ao Congo. Às 8h30 da manhã de 9 de setembro de 1951, o avião pousou em Léopoldville, a capital do Congo Belga. Os cinco missionários estavam finalmente na África. Elas foram recebidas pelos padres jesuítas e acompanhadas até o Instituto das Damas do Sagrado Coração.

Seu primeiro gesto foi enviar um telegrama à Madre Geral e às Irmãs na Itália:

**"Léopoldville, 9 de setembro de 1951 – 8h30 – muito bem – suas filhas."**

A partir daquele momento, a missão que a Providência havia preparado um ano antes começou a sério. E Kisanji, aquele nome que elas encontraram quase por acaso na Bélgica, se tornaria verdadeiramente seu destino.

*De "Vida Missionária", páginas do diário da Irmã Maurilia Piovano, 1951-1969*



## MISSÃO EM JATOBÁ: UMA EXPERIÊNCIA DE FÉ SERVIÇO E COMUNHÃO

Movidos pelo ardor missionário e pela gratidão a São José, nós, Kerly e Thiago, saímos da Paróquia da Catedral de Senhora Sant'Ana, em Serrinha-BA, para participar da missão em celebração aos 25 anos de vida consagrada da irmã Jani, realizada em Jatobá, na Diocese de Floresta-PE, juntamente com missionários locais, e membros do Pequeno Projeto de Leigos das Irmãs de São José (Serrinha e Feira de Santana-BA).

Durante três dias, visitamos as famílias da comunidade, contribuindo com a partilha da Palavra de Deus, conforto espiritual e nossa presença fraterna. Em cada lar, fomos acolhidos com simplicidade e carinho, ouvimos histórias de vida, recolhemos intenções de oração, abençoamos as casas e rezamos especialmente pelos enfermos e idosos, testemunhando a força da fé mesmo diante das dificuldades. Também experimentamos a generosidade das famílias nos momentos de convivência e refeições partilhadas, marcados pelo espírito de unidade e fraternidade.

As noites foram dedicadas aos encontros na capela da comunidade, com catequeses, vigílias e dinâmicas, momentos educativos de oração e diversão especialmente com crianças e jovens. As reflexões sobre vocação e família fortaleceram a consciência de que cada pessoa é chamada por Deus a viver sua missão e de que a família permanece como a primeira escola da fé.

Essa missão foi uma verdadeira experiência de Igreja em saída, que vai ao encontro das pessoas para anunciar o Evangelho, mas também para escutar, acolher e aprender com a realidade de cada comunidade. Os sorrisos das crianças, a esperança e alívio nos rostos dos enfermos, a emoção e sabedoria dos idosos e a fé das famílias renovaram nossa caminhada e fortaleceram nossa vocação missionária.

Agradecemos a Deus por nos conduzir nessa experiência, à irmã Jani pelo convite, à irmã Margarida pelo acompanhamento, colaboração e dedicação, e a todas as famílias que nos acolheram com tanto carinho. Que os frutos dessa missão permaneçam vivos e continuem produzindo esperança e fé nos corações de todos.



**THIAGO ARAUJO E CLEIDE MACIEL**  
*Leigos do Pequeno Projeto*

# MISSÃO E VOCAÇÃO

## **Relato da Missão em Jatobá (Comunidade de Volta do Moxotó)**

Vivenciamos dias de intensidade na Fé cristã na missão vocacional pelos 25 anos de vida consagrada de Irmã Jani !

Abraçamos essa jornada de sermos portadoras da Palavra de Deus com oração, fé e muito amor na caminhada de levarmos àqueles que estavam dispostos a nos acolher e sentir esse carisma de unidade!

A comunidade era muito cheia de fé e compromisso com a vida. Fomos acolhidos com muito amor e carinho e da mesma forma fomos distribuindo nossa vivência, a Palavra de Deus, a oração e a escuta de cada pessoa, a qual foi de suma importância. Escutar é muito importante, as vezes mais do que falar.

Muitas famílias foram visitas e inúmeros idosos que se mostravam muito felizes com nossa chegada, muitos que precisam e escuta, atenção e carinho.

Foram dias intensos que marcaram nossa vidas, pois a missão é o oxigênio da vida Cristã !

A Igreja como Comunidade de fé e São José nós guiou para a realização missionária autêntica da nossa caminhada de Fé Cristã ! Agradecemos ao Senhor por sair de nós mesmos e ir ao encontro do irmão e da irmã necessitado.

*Leigas do Pequeno Projeto:  
Adriana, Claret e Irmã Joilma*



Descrever o que vivenciamos nestes três dias tão intenso é um pouco que difícil, por ter sido tão intenso. Gratidão a Deus por nos permitir, gratidão a Congregação das Irmãs de São José por nos envolver, nos permitir ser pertença na vida de cada uma delas. Nós colaboramos, nos envolvemos nos emocionamos e nos fortalecemos.

Realizamos um Tríduo em nossas comunidades com momentos orantes belíssimos em preparação a missa de ação de graças. A viagem até Jatobá foi um momento orante e muito significativo. A acolhida na Paróquia com a celebração eucarística promoveram a interação e a vivência com cada paroquiano, e familiares.

A missão envolveu a comunidade. As famílias que nos acolheram foi providenciada pelo glorioso São José. O cuidado mútuo de nós com as famílias e de nós para com eles, a sensação é que já fazíamos parte a anos daquela casa daquele lugar.

As visitas às famílias, pessoas "impossibilitadas" de estar na vivências em comunidade e das celebrações, Cada gesto, cada oração, cada sorriso cada lágrima nos mostrou o agir de Deus e de São José nas suas intercessões. Se para as famílias foi um momento lindo e emocionante de nos receber, pra nós muito mais, pois no rosto de cada uma daquelas pessoas ali também estava a manifestação de Deus e isso nos ajudou a aumentar a nossa fé.

Assim também continuarmos perseverantes na nossa caminhada de missão de leigos, leigas do Pequeno Projeto, vivendo no escondimento no carisma de padre Medaille. Outro momento forte que nos envolveu bastante foi a vigília que preparamos na noite do dia cinco de junho. Luzes pra nosso caminho, o encontro com Jesus na Eucaristia com louvores que nos levou profundamente a oração.

E o grande dia da festa, tantos envolvidos com amor e por amor a Deus e a irmã Jane, arrumação do espaço da festa, da igreja as comidas típicas meu Deus que lindo meus olhos terem contemplado, pois assim verdadeiramente só reforça onde é meu, nosso lugar. Obrigada Deus, obrigada instituto, obrigada irmã Jane pelo seu testemunho, nele vemos o rosto e o agir de Deus.

*Leigas do Pequeno Projeto:  
Ednalva Anunciação e Celina Maria*

### **É missão de todos nós**

A missão é dom de Deus que nos chama a sairmos de nós mesmos e chegarmos ao novo querido próximo. Nós batizados fazemos parte da família de Deus. Conduzido pelo Espírito Santo que recebemos no ato do batismo. Somos impulsionados a sermos presença de Deus no mundo sendo luz e sal dando sabor a nossa existência.

Participar da missão vocacional dos 25 anos de vida consagrada de vida consagrada da Ir.Jani, foi caminhar com Jesus e com os irmãos que necessitavam ser visitados e as famílias que nos acolheram. Sentimos a presença de Deus e cada coisa.

Os desafios que passamos juntos distancias, pouco tempo, chuva... não nos deixaram desanimar. A providência de Deus estava conosco e tudo era superado.

Todos os momentos foram significativos, visitas, vigília de oração, encontro com as crianças e jovens, momentos de partilha, missas... Descobrimos e sentimos o amor de Deus cada situação que vivenciamos. Gratidão a Deus e as Irmãs de São José por nos proporcionar essa forte experiência e assim poder continuar no caminho da esperança, alegria, fé e unidade, juntos como família do Pequeno Projeto.

*Leigos do Pequeno Projeto:  
Jose Valdo Borges, Iracema dos Santos e  
Ir. Cícera*



# «AQUELE EU VÓS CHAMOU É FIEL»

## (1TS 5,24)

**“...Como São José, somos chamadas e chamados a salvaguardar a riqueza do dom recebido.”**

*Ata do IV Capítulo Geral - O Sonho - 1º foco*

Com um gesto de gratidão a Deus que muito me amou e me chamou para segui-Lo de modo radical doando a minha vida a serviço do Reino, celebrei meus 25 anos de vida Consagrada com uma missão vocacional na minha Paróquia de origem em Jatobá( Paróquia Nossa Senhora Aparecida). A missão foi realizada junto com nossos leigos e leigas do Pequeno Projeto e religiosas. A experiência foi muito intensa, profunda de saída ao encontro dos irmãos e irmãs, a quem o Ele sempre me enviou, principalmente aos mais frágeis e necessitados. Acredito nesta Igreja missionária, pobre, com os pobres e em saída como sempre nos pediu o saudoso Papa Francisco. A missão vocacional foi uma renovação e confirmação do chamado “Aquele eu vos chamou é fiel” (1Ts 5, 24). O Senhor me chama cotidianamente a viver a fidelidade a Ele, amando, servindo e saindo sempre mais de mim mesma, para viver concretamente a entrega sem reservas. Obrigada Senhor, obrigada a nossa Congregação (irmãs e leigos do Pequeno Projeto) que me fazem sentir e saborear na vida que vale sempre mais apenas servir e seguir ao Senhor com alegria.



*Irmã Jani Rita Santos*



*«De graça recebestes, de graça dai».*  
(Mt 10,8)

## ***Recordando a Irmã Marisa Bellando***



A Irmã Marisa nasceu em Condove (na Província de Turim) em 1946. Cresceu em um ambiente onde o amor familiar era vivido com alegria e celebração; ali pôde cultivar aquela intensa fraternidade que se revelou um apoio nas adversidades.

Em 1967, fez a profissão religiosa e, por muitos anos, seu serviço a viu empenhada como professora na escola primária e, depois, como diretora até 1997: um serviço vivido não como “trabalho”, mas como uma verdadeira “missão” de educadora de tantas gerações, às quais dedicou toda a sua paixão humana e religiosa. “A Irmã Marisa foi minha professora!”: uma afirmação que enchia de orgulho e honra aqueles que tiveram a alegria de ser seus alunos. Graças ao seu espírito empreendedor na animação, tornou possíveis atividades formativas que deixaram uma marca no crescimento dos jovens e no acompanhamento de seus pais na difícil tarefa educativa. Além do compromisso escolar, a Irmã Marisa colaborou na pastoral paroquial e diocesana, no centro vocacional e no serviço missionário. Tece relações de ajuda, despertando confiança e entusiasmo no trabalho na vinha do Senhor.

Serviu ao Senhor com generosidade e dedicação, assumindo, ao longo dos anos, importantes cargos de responsabilidade dentro da Congregação das Irmãs de São José de Susa. Foi conselheira-geral de 1979 a 1991, mestra das noviças e do juniorato, vigária-geral de 1991 a 1997 e superiora-geral de 1997 a 2006. Posteriormente, de 2006 a 2012, exerceu seu serviço como vigária-geral do novo Instituto. Foram anos em que deu tudo de si e encarnou da melhor forma a máxima “Todas por Deus e pelo próximo, nada para si mesmas”, anos em que a doença, pouco a pouco, em diferentes momentos, bateu à sua porta, mas sem encontrá-la despreparada, pois, na oração, soube buscar a força para continuar sendo “instrumento” da obra de Deus, capaz de viver a comunhão com os irmãos e as irmãs, tendo este versículo de João — “como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que também eles sejam um só” , como o objetivo de sua vida.

No dia 16 de junho de 2026, o Senhor bateu à sua porta justamente quando a liturgia entregava este mandato aos seus discípulos: “De graça recebestes, de graça dai”; de fato, a Irmã Marisa foi uma pessoa, uma religiosa que se dedicou totalmente ao bem do próximo, sem buscar outra recompensa senão o bem de servi-Lo, fazendo de sua generosidade o motor de toda iniciativa para “dar glória a Deus”!

*«Ó meu astro amado, atrain-me para ti,  
para que eu jamais possa sair do  
esplendor da tua luz».*

*(Elisabetta della Trinità)*

## **Recordando a Irmã M. Bruna Fabiani**



Cleoflora Fabiani nasceu em 18 de junho de 1937, em Macerata. Ingressou na Congregação em 18 de março de 1957 e recebeu o hábito em 29 de setembro do mesmo ano, adotando o nome de seu pai: irmã M. Bruna – do Espírito Santo. Emitiu seus primeiros votos em 29 de setembro de 1959 e fez sua consagração perpétua em 14 de setembro de 1964. Na noite da última sexta-feira, 24 de julho de 2026, entrou para sempre no abraço de Deus, aos 89 anos de idade e com 66 anos de profissão religiosa. Nós a recordamos com carinho e gratidão por sua vida dedicada ao serviço da nossa Congregação como: Professora em Biella, Turim e Bra; Professora por mais de vinte anos e Diretora da Escola Secundária SS. Annunziata, em Rivarolo Canavese; Superiora Geral por dois mandatos, de 1988 a 2000; Conselheira Geral de 2000 a 2006 e, ao mesmo tempo, Superiora da Comunidade em Turim, primeiro na Via Giolitti e depois no Corso Casale. De 2007 a 2009 esteve em Susa, na Villa San Pietro, desempenhando, entre outras funções, o serviço de acolhida. De 2009 a 2016, recebeu o mandato de Superiora da comunidade de Biella e o exerceu com dedicação e carinho. Em agosto de 2016, com o fechamento do Instituto Santa Catarina, reencontramo-la em Turim, na Via Giolitti, disponível para a portaria e outros serviços, com a presença discreta que sempre a caracterizou. Quando a doença lhe tirou as forças, viveu o tempo do sofrimento com grande lucidez, em espírito de oferta e paz, continuando a servir à Congregação com sua presença sempre acolhedora, sorridente e, às vezes, com aquelas expressões astutas e simpáticas que lhe eram próprias, sempre com o Rosário nas mãos, testemunhando sua vida de oração e entrega. O que a caracterizou, além da oração constante, foi o seu repetido "obrigada" por cada gesto de atenção ou serviço, do menor ao maior, um "obrigada" que ressoava ainda mais forte quando sua voz já havia se tornado muito fraca. O que mais podemos dizer sobre ela? Nestes dias, recolhi algumas expressões que recebi e que me parecem descrevê-la muito bem e, fazendo-as minhas, quero compartilhá-las. Conservo dela uma lembrança viva de muitos anos atrás, quando me impressionou por sua postura segura, pela autoridade firme, mas gentil, pelo sorriso radiante, pelo olhar inteligente, atento, aberto e perspicaz... Uma mulher forte e acolhedora, uma presença intensa, uma espiritualidade profunda, uma fé sólida... Uma presença que mantém viva a esperança... que comunica doçura e bondade... que ensina a confiar em Deus e em tudo o que existe, a contemplar e a apreciar o belo, o bem... Uma mulher simples, humilde, mas ao mesmo tempo grandiosa... que sabe doar-se sem aparecer... viver na pequenez... com seu próprio estilo de pobreza... Para ela, todos eram importantes e havia lugar para todos...! Um olhar especial estava sempre voltado para os mais pobres no corpo ou no espírito e... permitam-me dizer...: um olhar de predileção era dirigido às missões, inicialmente na África, que ela visitou, acompanhou, eu diria que fez crescer e amou como uma mãe carinhosa, atenta até mesmo ao seu desenvolvimento em número, presenças e estruturas. Acompanhou todo esse caminho até hoje, não apenas no Congo, mas também na República Centro-Africana e no Chade, onde foi intérprete e alma da abertura de novas comunidades. Após a união das três Congregações de Turim – Novara – Susa, também a Missão no Brasil encontrou amplo espaço em seu coração. Desde o início, acolheu as irmãs que ali trabalhavam, o seu povo, a grande miséria, típica dessas realidades marcadas pelo sofrimento, mas também a paz de quem sabe ler a própria história com os olhos da fé. Haveria muito mais a dizer sobre Madre M. Bruna, mas deixo a cada um de nós o compromisso de guardar no coração e conservar as lembranças pessoais, mais íntimas, que nos tocam profundamente e que, em respeito à descrição de Madre M. Bruna, queremos guardar e confiar ao Senhor na oração. Mas como não lhe dizer OBRIGADO? A ela eu devo e, creio, todos nós devemos muito. Hoje, em seu rosto já não há tensão pela dor, mas beleza, paz profunda, o sorriso de quem encontrou o Amado e parece nos dizer... "vale a pena, é bonito, é tão bonito... tudo é bonito!" Concluo retomando com vocês a oração de Isabel da Trindade, que ela deixou escrita à mão em um livro: « Ó meu astro amado, atrain-me para ti, para que eu jamais possa sair do esplendor da tua luz. »

*«Muito bem, servo bom e fiel!  
Entra no gozo do teu Senhor»  
(Mateus 25:21)*

## ***Recordando a Irmã Emma Sampaolesi***



O caminho da consagração.

Gemma Sampaolesi nasceu em Macerata em 28 de janeiro de 1934 e, desde muito jovem, sentiu o chamado do Senhor para segui-Lo no caminho dos conselhos evangélicos.

Em 19 de setembro de 1951, com apenas dezessete anos, ingressou na Congregação das Irmãs de São José, iniciando sua formação. Recebeu o hábito religioso em 19 de março de 1952, adotando o nome de Irmã Emma de Jesus Crucificado. Selou sua promessa de amor com sua Primeira Profissão em 19 de março de 1954 e, em seguida, consagrou-se definitiva e para sempre ao Senhor com sua Profissão Perpétua em 29 de setembro de 1959.

Uma vida dedicada ao serviço humilde e diligente.

A vida da Irmã Emma foi um reflexo brilhante de dedicação silenciosa, diligência e amor concreto pelos outros, vivido principalmente no ministério do cuidado diário como cozinheira e no serviço comunitário.

Ela começou sua jornada em 1954 na Casa Mãe de Turim como dona de casa, depois dedicou-se à culinária no Instituto La Pietà em Macerata, em Poggio San Marcello e na Escola Infantil Amandola. Por vinte e dois anos, de 1962 a 1984, serviu com amorosa dedicação no Hospital Sarnano, antes de retornar ao Instituto "La Pietà" em Macerata até 1990.

Nos anos que se seguiram, ela continuou a doar generosamente, realizando vários serviços em Mogliano Santa Colomba, Corridonia e por vinte anos no Mosteiro de Mogliano. Desde 2018, ela residiu novamente em Macerata, onde passou vários anos, finalmente passando os últimos anos de sua vida terrena na comunidade de Potenza Picena, onde passou o último ano de sua vida terrena em oração e se preparando para seu último encontro com o Esposo.

Aos 92 anos, cercada pelo carinho e pelas orações de suas companheiras freiras, Irmã Emma concluiu sua peregrinação terrena na comunidade de Potenza Picena (MC).

*«Só em Deus a minha alma repousa;  
nele encontro a minha esperança... »  
(Do Salmo 66)*

## ***Recordando a Irmã Eleonora Blengetto***



Giuseppina Blengetto.

Nascida em Mondovì S. Biagio (CN) em 19 de outubro de 1933, ela respondeu generosamente ao chamado do Senhor, ingressando na Congregação das Irmãs de São José em 18 de setembro de 1954.

Ela vivenciou as etapas significativas de sua consagração com sua investidura em 19 de março de 1955, adotando o nome de Irmã Eleonora dell'Immacolata, sua primeira profissão em 19 de março de 1957 e sua oferta definitiva a Deus com sua profissão perpétua em 14 de setembro de 1962.

Seu longo e frutífero ministério a viu doar-se com amor e dedicação a inúmeras comunidades, deixando um legado de diligência e hospitalidade.

Nos primeiros anos de sua vida religiosa, ela ofereceu seu serviço como auxiliar de cozinha na Casa Mãe de Turim, antes de se dedicar ao ensino e a oficinas em Sant'Antonino di Saluggia (Vercelli), Turim Baroline, Induno e Mondovì.

Após um período no Oratório de Milão, dedicou-se apaixonadamente ao mundo da educação infantil como professora e aluna, trabalhando em Montiglio, Biella, Cusago, Testona, Rivarolo e Cernobbio.

Nos anos que se seguiram, continuou a servir humildemente a Igreja e suas irmãs: em Rivarolo como sacristã, em Rivoli cuidando das irmãs idosas e, mais tarde, em Turim (Corso Casale).

Em 2016, após um período inicial em Susa, no Corso Unione Sovietica, retirou-se para San Maurizio Canavese para um período de merecido descanso, antes que sua doença, que viveu em oferenda e oração em Turim (Via Giolitti) a partir de setembro de 2025, a preparasse para o encontro final com seu Esposo celestial.

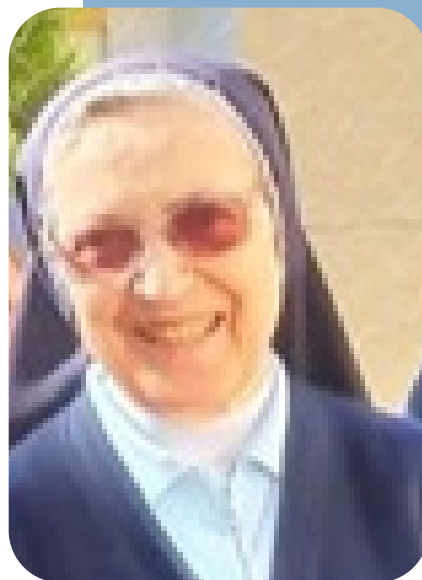
A Irmã Eleonora faleceu em paz na segunda-feira, 10 de agosto de 2026, às 6h40, no Hospital Martini, em Turim, onde estava internada há vários dias.

Com profunda gratidão por uma vida inteiramente dedicada ao Senhor e aos outros, recordamos dela com carinho e a confiamos aos braços misericordiosos do Pai.

*«Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça»*

*(2 Timóteo 4:7-8)*

## ***Recordando a Irmã M. Angela Tartabini***



A Irmã M. Angela Tartabini de São José, nascida Onelia, faleceu em 26 de agosto de 2026, no Hospice do Hospital de Macerata, aos 87 anos.

Nascida em Tolentino (MC) em 21 de abril de 1939, dedicou toda a sua vida ao Senhor e ao próximo. Ainda muito jovem, com apenas dezessete anos, sentiu o chamado do Senhor e ingressou na Congregação das Irmãs de São José de Turim em 19 de setembro de 1956. Alguns meses depois, em 19 de março de 1957, vestiu o hábito religioso e fez sua Primeira Profissão dois anos depois, em 1959. O selo final de sua promessa de amor a Deus veio em 14 de setembro de 1964, com sua Profissão Perpétua. A jornada da Irmã Angela se desenrola como um longo conto de incansável trabalho itinerante. Os primeiros passos de seu ministério foram dados em Turim, entre a Casa Mãe e o Istituto Protette, onde de 1959 a 1964 dedicou-se aos mais humildes e generosos serviços como auxiliar de cozinha. Essa aptidão para o serviço concreto e o cuidado diário permaneceria uma constante ao longo de sua vida. Logo, a obediência a chamou para uma nova tarefa: a educação das crianças mais novas. De 1964 a 1972, Irmã Angela atuou como professora de jardim de infância, levando sua bondade e paciência primeiro a Biella, no Instituto Santa Caterina, depois a Induno e, finalmente, de volta a Biella. Sua capacidade de ouvir e sua afabilidade a tornaram uma figura querida entre as crianças e suas famílias. Em seus últimos anos, sua missão educacional foi complementada pela responsabilidade da liderança. De 1972 a 1994, Irmã Angela serviu como Superiora em diversas comunidades, frequentemente combinando a liderança espiritual e fraterna com o ensino. Essa longa jornada a levou a Sarnano e Corridonia, antes de retornar a Bra e Turim, à Comunidade Piccola na Via Cottolengo 24 bis, até finalmente chegar a Macerata, na comunidade "La Pietà". Em cada lugar, ela exerceu sua autoridade como um serviço de caridade e acolhimento. Sua vocação para ajudar os outros se expressou então de novas maneiras: em Macerata como responsável da Comunidade Residencial, em Roma como assistente no internato e em Colmurano como colaboradora na creche estadual. Em 1999, ela retornou definitivamente a Macerata, onde retomou o ensino na Via Isonzo por um ano. A partir de setembro de 2000, sua precisão e espírito de cuidado encontraram expressão no serviço de Tesoureira, função que desempenhou por quase uma década na Via Isonzo 2 e que continuou a partir de dezembro de 2009 no escritório da Via Isonzo 2A. Em 2 de julho de 2025, ela se mudou com a comunidade de Macerata para Potenza Picena. Ali, em silêncio e na oferta diária de seu sofrimento, ela continuou a servir como tesoureira enquanto suas forças permitiram, transformando seu leito de dor em um altar final de oração.

A Irmã Angela deixa a memória de uma vida inteiramente dedicada a ela, vivida com um sorriso, diligência e total confiança na Providência.

Confiamos a Irmã Angela aos braços do Pai, certos de que ela será acolhida pelo divino Esposo a quem consagrou cada dia de sua vida.

**“Viver no mundo  
como Eucaristia.**

Na fé,  
a nossa pequenez  
a serviço  
do querido próximo”



**“DESEJO**

que possam ser mulheres plenas de alegria,  
testemunhas da ternura do Senhor  
onde vocês trabalham, guardando no  
silêncio orante e fecundo aqueles que se  
confiam a vocês.”

*Da Mensagem do Papa Francisco,  
Ata do IV Capítulo Geral  
pag 5.*